

REPRESENTAÇÕES MATEERNAS DAS CAPACIDADES SENSÓRIO-PERCEPTIVAS DOS RECÉM-NASCIDOS

PEDRO LOPES DOS SANTOS (*), J. M. LOPES DOS SANTOS (**)
e JOSÉ FERREIRA ALVES (***)

Partindo da análise dos resultados de um inquérito realizado junto de 79 mães de recém-nascidos, procurou-se avallar a influência do sexo da criança, número de filhos, tipo de parto, modo de alimentação (materna ou artificial) e tempo de separação pós-parto, nas concepções maternas acerca das capacidades visuais e auditivas de seus filhos. Não foi encontrada qualquer relação entre as respostas e o sexo do bebé, número de filhos ou tipo de parto. O aleitamento materno esteve mais frequentemente associado ao reconhecimento de capacidades visuais efectivas dos recém-nascidos, ao passo que o aleitamento artificial e o tempo de separação pós-parto foram relevantes para o reconhecimento de capacidades auditivas. Esta última variável, relacionou-se com a atribuição aos recém-nascidos de capacidades para reconhecerem a mãe pela voz. Sugere-se que as concepções maternas dependem fundamentalmente de indícios fornecidos pelo comportamento dos bebés e que, tanto o aleitamento materno como o encurtamento do tempo de separação pós-parto, terão possivelmente efeitos benéficos no relacionamento mãe-filho.

As percepções maternas acerca das competências comunicativas do recém-nascido, estão fortemente correlacionadas com o padrão de interacção evidenciado pela mãe nos primeiros meses de vida do filho. Snow, de Blauw e Roosmalen (1979) constataram que é possível prever o modo como as mães falam para os seus bebés muito pequenos, a partir das representações que elas possuem da capacidade de comunicação destes.

O que dissemos, sugere a importância que pode ter a adequação entre as crenças maternas e as competências reais da criança. Com efeito, se partirmos do princípio de que a mãe se conduz ao longo das interacções em consonância com tais crenças, então essa adequação determinará que o seu comportamento esteja situado nos níveis de estimulação mais adaptados a favorecer o desenvolvimento da criança. A ideia, recolhe algum suporte dos resultados de Brazelton (1979) que mostram alterações significativas na organização das condutas dos recém-nascidos, vários dias

após uma intervenção em que foram mostradas às mães as competências comunicativas dos filhos.

Neste nosso estudo, propusemo-nos investigar as concepções maternas referentes às capacidades visuais e auditivas dos seus bebés. Considerando que é através dos sistemas sensoriais que o organismo entra em contacto com o meio, pensamos que o modo como a mãe reconhece a funcionalidade de tais sistemas, reflectirá a imagem que possui da competência comunicativa do filho.

Desde as investigações de Fantz (1961; 1974), Goren, Starty e Wu Pyk (1975) que se sabe que, logo nos minutos iniciais de vida, o recém-nascido é capaz de ver e de revelar especial interesse em fixar estímulos com as características perceptivas do rosto humano. Também, no tocante à audição foi demonstrado que o nascituro reage mais intensamente à apresentação de sons com propriedades acústicas semelhantes às da voz humana (Brazelton, 1981). Por sua vez, Carpenter (1975) provou que logo nos primeiros dias de vida, o bebé está apto a fazer o reconhecimento visuo-auditivo da mãe. No entanto, qual será o grau de correspondência entre a

(*) Assistente da F.P.C.E.U.P.

(**) Médico especialista em Pediatria.

(***) Psicólogo.

QUADRO I

Caracterização da amostra
em função do nível etário e do grau de instrução das mães

Níveis etários:	Primária	Ciclo	Secundário	Superior	% total
17-19 anos	7	1	—	—	10.1
20-34 anos	27	9	22	2	73.4
35-45 anos	10	—	1	—	13.9
% total	55.7	12.6	29.1	2.5	—

realidade e as representações maternas dessa realidade?

Procuramos avaliá-lo a partir da análise dos resultados de entrevistas realizadas junto de mães que tinham filhos recém-nascidos. Pretendemos igualmente ver se as suas percepções estavam relacionadas com o sexo do bebé, com diferentes circunstâncias perinatais (tipo de parto, tempo de separação da mãe no pós-parto), práticas alimentares adoptadas e número de filhos.

MÉTODOS

Amostra e Procedimento

Foram entrevistadas 79 mães, que tinham bebés entre os 6 e os 14 dias de vida; as entrevistas foram realizadas no Centro de Saúde da Maia, no serviço de Consulta Externa da Maternidade Júlio Dinis, em consultas de Pediatria na clínica privada e nos Serviços Médico-Sociais; 37 mães eram primíparas, havia 3 solteiras e uma divorciada; distribuíam-se por diversos níveis etários

e tinham graus de instrução variável (Quadro I). Em 57 casos, o parto foi eutócico ou paraeutócico e nos restantes distócico (20 Cesarianas, 1 fórceps e uma apresentação de pelve) tendo-se registado 5 casos de sofrimento fetal ligeiro. Dos recém-nascidos, 40 eram do sexo masculino e 39 do sexo feminino. A sua idade gestacional (pós-menstrual) variava entre as 37 e as 42 semanas e os índices de Apgar aos 5 minutos (consoante a ficha clínica, ou, nos casos omissos, pelos dados da anamnese) oscilavam entre 7 e 10; os pesos ao nascer situaram-se entre 2200 g e 4500 g.

O tempo de separação mãe-filho no período pós-parto foi variável, estando referidos no Quadro II o número de recém-nascidos separados por mais de 5 horas com indicação das causas.

No momento do inquérito, 59 mães amamentavam os seus filhos, 9 com complemento de biberão e 20 alimentavam-nos artificialmente com leites industriais, das quais, 9, tinham primeiro tentado o aleitamento materno.

As entrevistas eram constituídas por 18 perguntas em que se procuraram avaliar atitudes e percepções maternas re-

QUADRO II

Recém-nascidos separados das mães por mais de 5 horas após o parto

Valores da separação:	Número total	Apenas por rotina hospitalar	Motivos relac. com o recém-nascido	Motivos relacionados com a mãe
Entre 5 e 10 horas	14	12	—	2
Mais de 10 horas	28	10	5	13

ferentes aos recém-nascidos e a alguns dos seus comportamentos.

Referem-se neste trabalho, as respostas dadas a 4 dessas questões relativas à representação materna da capacidade do bebé para ver e ouvir e para reconhecer a face e a voz da mãe (ver formulação exacta no apêndice).

Como foram utilizados vários entrevistadores, procedeu-se à análise de eventuais efeitos desta variável (Hagenaars e Heinen, 1982) pela comparação da dispersão dos resultados em 3 blocos de entrevistas, não se verificando qualquer diferença significativa.

RESULTADOS

Elaboração dos Resultados

Cada um dos itens analisados, permitia classificar as respostas maternas em três categorias. Nas questões referentes à capacidade para ver e ouvir, as categorias eram as seguintes:

- a) — Sim
- b) — Não
- c) — Só distingue a luz do escuro (visão); só ouve sons muito fortes (audição).

Nas outras perguntas as opções eram também três:

- a) — Sim
- b) — Não
- c) — Não tem a certeza

Em ambos os casos, só as respostas a foram consideradas como respostas

afirmativas. A sua frequência foi examinada em função do sexo do recém-nascido, tipo de parto, idade da mãe, número de filhos e tempo de separação pós-parto.

Apresentação dos Resultados

Em cada canal sensorial, a simples capacidade perceptiva foi mais afirmada do que a capacidade de reconhecer a mãe ($X^2=10.16$ $P<0.01$ para o canal auditivo; $X^2=3.96$, $P<0.05$ para o visual) (1). No Quadro III, constata-se que a incidência de respostas afirmativas é superior na questão relativa à competência para ouvir do que na pergunta referente à faculdade de ver ($X^2=10.84$; $P<0.001$). Paralelamente, as mães acharam que eram melhor reconhecidas auditivamente do que visualmente ($X^2=4.41$; $P<0.05$).

O número reduzido de observações impossibilitou a realização de análises numa perspectiva multidimensional. A abordagem unidimensional dos resultados não mostrou qualquer relação entre as respostas e o tipo de parto, número de filhos e idade da mãe. Relativamente ao modo de alimentação e tempo de separação pós-parto, verificaram-se algumas associações com o tipo de respostas obtidas. Como se pode verificar na figura 1, a atribuição de capacidades para ouvir foi mais frequente nas mulheres que alimentavam os filhos ao biberão ($X^2=4.7$; $P<0.05$). No entanto, esta variável esteve relacionada de forma diferente com a afirmação da com-

QUADRO III

Percentagem de respostas afirmativas nas 4 questões

Modalidade sensorial:	Afirmação da capacidade perceptiva	Afirmação da capacidade de reconhecer a mãe
auditiva	81.0	48.1
visual	46.8	24.0

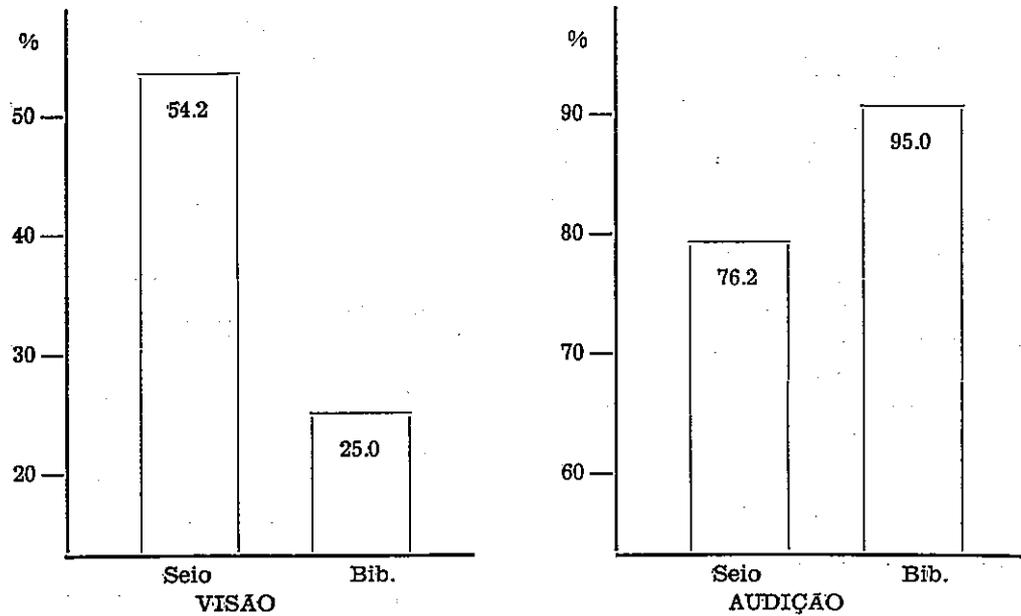


FIGURA 1

Percentagem de respostas afirmativas às questões referentes à capacidade do bebê para ver e ouvir em função do tipo de alimentação

QUADRO IV

Percentagem de respostas afirmativas referentes à capacidade do bebê para reconhecer a mãe auditivamente e visualmente em função do modo de alimentação

Modo de alimentação	Reconhece	
	auditivamente	visualmente
Seio	44.1	28.8
Biberão	45.0	—

petência visual constatou-se (figura 1) (IV). O modo de alimentação não se relacionou de forma significativa com os resultados referentes ao reconhecimento da voz.

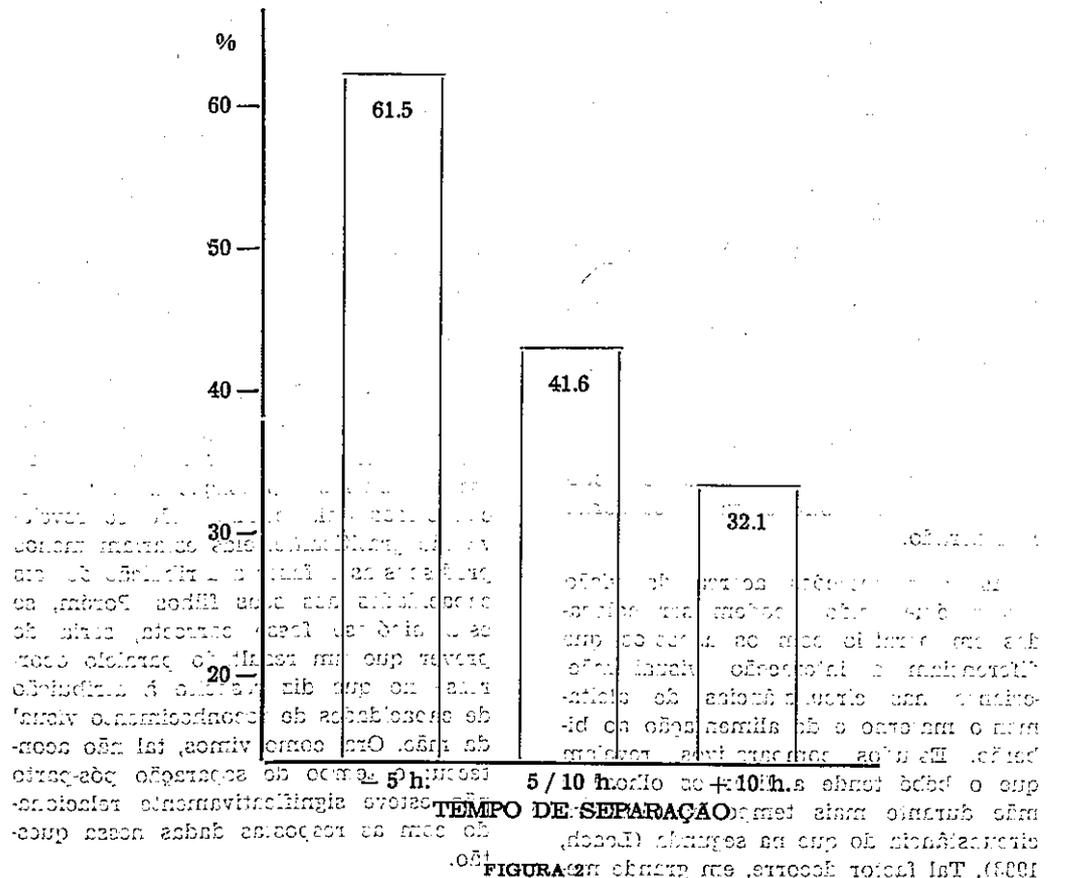
Da mesma forma, as únicas atribuições de capacidades para reconhecer visualmente a mães, provieram de mulheres que alimentavam ao seio (Quadro

O tempo de separação pós-parto, não exerceu qualquer efeito estatisticamente significativo nas percepções maternas referentes à capacidade do bebê para

QUADRO V

Percentagem de respostas afirmativas às questões relativas à capacidade dos recém-nascidos para ouvir, ver e reconhecer visualmente a mãe em função do tempo de separação pós-parto

Valores de separação:	Ouve	Vê	Reconhece visualmente a mãe
	Menos de 5 horas	86.5	45.9
Entre 5 e 10 horas	64.3	42.9	33.3
Mais de 10 horas	82.1	42.9	35.7



Como interpretamos estes dados? Como o tempo de separação pós-parto se relacionou com a capacidade do recém-nascido para reconhecer auditivamente a mãe em função do tempo de separação pós-parto? O tempo de separação pós-parto se relacionou de forma significativa com os resultados referentes ao reconhecimento da voz. O tempo de separação pós-parto, não exerceu qualquer efeito estatisticamente significativo nas percepções maternas referentes à capacidade do bebê para

DISCUSSÃO

O presente estudo mostra que a mãe considera que o recém-nascido é mais competente na dimensão auditiva do que na visual. Existe uma estreita correspondência entre estes resultados e a constatação fácil de realizar, de que o canal acústico é mais utilizado nas interações diádicas durante a fase neonatal do bebé.

O nosso trabalho ilustra também que o tipo de alimentação está diferentemente associado às respostas relativas à capacidade do recém-nascido para ver e ouvir. A afirmação de competência visual, foi mais frequente nas mulheres que amamentavam os filhos, ao passo que a atribuição de capacidades auditivas se revelou superior nas mães que alimentavam ao biberão. Já no que toca às representações acerca da possibilidade do bebé reconhecer a mãe, pudemos constatar que a variável em causa só era relevante para a modalidade perceptiva visual. Estes dados, sugerem que o modo de alimentação não tem um impacto genérico sobre as percepções maternas, exercendo antes efeitos específicos de acordo com o canal sensorial considerado.

As representações acerca da visão dos recém-nascidos, podem ser colocadas em paralelo com os aspectos que diferenciam a interacção visual mãe-criança nas circunstâncias de aleitamento materno e de alimentação ao biberão. Estudos comparativos, revelam que o bebé tende a fixar os olhos da mãe durante mais tempo na primeira circunstância do que na segunda (Leach, 1983). Tal factor decorre, em grande medida, dos constrangimentos impostos pelos condicionalismos anátomo-fisiológicos da espécie humana, que determinam que o contacto visual mãe-filho seja mais fácil quando o recém-nascido está ao seio do que nas alturas em que suga na tetina do biberão. Sugere-se, deste modo, que o maior contacto com o comportamento visual do bebé, proporcionado pela amamentação, poderá ajudar a explicar as diferenças encontradas. As mães que alimentam ao seio dispõem de mais índices relativos à capacidade

de visão dos filhos o que, facilitaria nelas, o desencadeamento dos processos de atribuição de competências visuais ao recém-nascido.

O tempo de separação pós-parto, esteve associado com as respostas referentes à capacidade da criança para reconhecer auditivamente a mãe. Vários estudos, mostram que a intensidade da ligação materna ao filho é susceptível de ser afectada por esta variável. Klaus e col. (1972), constataram que os casos de crianças maltratadas são mais frequentes em grupos de mães que estiveram separadas dos seus recém-nascidos durante a permanência na maternidade. Carlsson e col. (1978), verificaram que a diminuição do tempo de separação pós-parto, tem como consequência o aumento dos comportamentos afectuosos por parte da mãe. Assim, numa primeira abordagem, poderíamos pensar que os nossos resultados reflectem eventuais diferenças nos graus de ligação materna aos filhos. No grupo em que a separação foi superior a 10 horas tenderia a haver um maior número de mães cuja ligação ao recém-nascido era menos intensa. Como para essas mulheres a sensação de serem reconhecidas pela criança não se revelava tão gratificante, elas estariam menos predispostas a fazer a atribuição de tais capacidades aos seus filhos. Porém, se esta hipótese fosse correcta, seria de prever que um resultado paralelo ocorresse no que diz respeito à atribuição de capacidades de reconhecimento visual da mãe. Ora, como vimos, tal não aconteceu: o tempo de separação pós-parto não esteve significativamente relacionado com as respostas dadas nessa questão.

Como interpretar então o resultado?

No momento do inquérito, um grande número de mães referiram-nos, de forma espontânea, que os filhos as reconheciam auditivamente porque a voz delas era susceptível de as acalmar quando estes choravam. A partir de certa altura começamos a perguntar sistematicamente às mães os motivos pelos quais haviam respondido afirmativamente à questão em causa. Num total de 23 observações, 21 invocaram o argumento atrás referido. Assim é pos-

sível que, neste contexto particular, as percepções maternas estejam relacionadas com a irritabilidade dos filhos. Recém-nascidos que se acalmam facilmente quando ouvem um adulto falar, teriam mais probabilidade de ser interpretados pelas mães como possuindo já a capacidade de as reconhecerem no plano auditivo. Nesta ordem de ideias, o tempo de separação pós-parto influenciaria os resultados a partir dos seus efeitos na irritabilidade das crianças. As observações de O'Connor e col. (1980), trazem algum suporte a esta interpretação. Com efeito, os autores relatam que os bebés são menos apaziguáveis ao mês de vida se tiverem sido separados de suas mães durante a estadia inicial na maternidade. Essa maior irritabilidade decorre da circunstância, bem conhecida, de que o tempo de reacção ao choro do recém-nascido é superior no berçário do que na situação de *rooming-in* (as mães acorrem mais depressa do que as enfermeiras). Sabe-se, desde Sander (1975), que a ausência de resposta pronta ao choro nas primeiras horas de vida do bebé pode determinar graus mais elevados de irritabilidade nos dias subsequentes.

CONCLUSÃO

Havíamos postulado, no início deste trabalho, que as concepções maternas acerca das capacidades perceptivas dos recém-nascidos reflectem a imagem que as mães possuem da competência comunicativa destes. Salienciamos, ainda, que tal imagem, ao mediatizar as interacções mantidas com o filho, era susceptível de influenciar em grande medida o comportamento materno. Os nossos resultados sugerem, igualmente, que as representações que a mãe tem das capacidades sensorio-perceptivas do seu recém-nascido baseiam-se, fundamentalmente, em índices comportamentais objectivos colhidos no comportamento do filho. Nesta ordem de ideias, o bebé não desempenharia na relação mãe-criança um papel de agente passivo, tendo antes uma participação activa no estabelecimento das relações recíprocas.

Os dados obtidos mostram também que quer o aleitamento materno quer o encurtamento do período de separação

pós-parto facilitam o aparecimento de representações sobre as capacidades do recém-nascido para reconhecer a mãe. Na medida em que tais percepções podem funcionar como sistemas de reforço da ligação materna, estes dois factores são susceptíveis de influenciar positivamente o clima das interacções mãe-criança, com benefício manifesto para ambos.

APÊNDICE

Questões colocadas às mães:

- 1—Acha que o seu bebé já houve?
- 2—Acha que o seu bebé já vê?
- 3—Há quem diga que, ao fim de alguns dias, os bebés já reconhecem a voz da mãe. Outros dizem que não. A partir da sua experiência, acha que o seu filho já reconhece?
- 4—Há quem diga que os bebés ao fim de alguns dias já reconhecem a cara da mãe quando a vêem. Outros dizem que não. A partir da sua experiência, acha que o seu filho já reconhece?

NOTA

(1) Sempre que necessário o Qui Quadrado foi calculado pela fórmula corrigida de Yates.

REFERÊNCIAS

- BRAZELTON, T. B. (1979) — Behavioral competence of the newborn infant. *Seminars in Perinatology*, 3, 35-44.
- BRAZELTON, T. B. (1981) — On becoming a family: the growth of attachment. New York: Delacorte Press.
- CARLSSON, S. G., FAGERBERG, H., HORNE-MAN, G., HWANG, P., KODHOLM, M., SCHALLER, J., DANIELSSON, B. GUNDEWALL, C. (1978) — Effects of amount of contact between mother and child on the mother's nursing behavior. *Developmental Psychobiology*, 11, 143-150.
- CARPENTER, G. (1975) — Mother's face and the newborn. In R. Lewin (ed.), *Child alive* (pp. 128-179). London: Temple Smith.
- FANTZ, R. L. (1974) — Visual perception from birth as shown by pattern selectivity. In L. J. Stone, H. T. Smith e L. B. Murphy, (eds.) *The competent infant* (pp. 662-730). London: Tavistock Publications Limited.
- FANTZ, R. L. (1961) — The origin of form perception. *Sci. Amer.*, 204, 66-72.
- GOREN, C. C., STARTY, M., WU, P.Y.K. (1975) — Visual following and pattern

- discrimination of face-like stimuli by newborn infants. *Pediatrics*, 56, 544-549.
- HAGENAARS, J. A., HEINEN, T. G. (1982) — Effects of role — Independent interviewer characteristics on responses. In W. Dijkstra e J. Van der Zouwen, (eds.), *Response behaviour in the survey interview* (pp. 91-130). London: Academic Press.
- KLAUS, M. H., JERAULD, R., KREGER, N. C., MCALPINE, W., STEFFA, M., KENNELL, J. H. (1972) — Maternal attachment: the importance of the first post-partum days. *New Engl. J. Med.*, 286, 460-463.
- LEACH, P. (1983) — *Babyhood*. Suffolk: Penguin Books.
- O'CONNOR, S., VIETZE, P. M., SANDLER, H. M., SHERROD, K. B., ALTEMEIER, W. A. (1980) — Quality of parenting and the mother-infant relationship following rooming-in. In P. M. Taylor (ed.), *Parent-infant relationships* (pp. 349-368). New York: Grune and Stratton.
- SANDER, L. W. (1975) — Infant and caretaking environment: Investigation and conceptualization of adaptive behavior in a system of increasing complexity. In E. J. Anthony (ed.), *Explorations in child psychiatry* (pp. 129-166). New York: Plenum Press.
- SNOW, C., DE BLAUW, A., ROOSMALEN, G. (1978) — Talking and playing with babies: the role of ideologies of child-rearing. In M. Bullock (ed.), *Before speech: the beginning of interpersonal communication* (pp. 269-288). Cambridge: Cambridge University Press.

RESUMÉ

A partir des résultats d'une enquête effectuée auprès de 79 mères de nouveaux-nés, on a analysé l'influence du sexe de l'enfant, du nombre d'enfants, du mode d'accouchement, du type d'alimentation et du temps de séparation mère-enfant juste après la naissance, sur les

conceptions maternelles relatives aux capacités visuelles et auditives de ses bébés.

Aucune association n'a pu être trouvée entre les réponses et le sexe du nouveau-né, le nombre d'enfants ou le type d'accouchement. L'alimentation au sein favorisait la reconnaissance de capacités visuelles tandis que l'alimentation au biberon favorisait l'attribution de capacités auditives aux nouveaux-nés. La diminution du temps de séparation mère-enfant après la naissance facilitait l'attribution à l'enfant de la capacité d'identifier la voix maternelle.

Il est admis que ces conceptions dépendent en grande partie des indices fournis par le comportement interactionnel du bébé et que l'allaitement maternel et la diminution du temps de séparation post-accouchement ont des effets positifs sur la relation mère-enfant.

SUMMARY

Analysing the data of an inquest on 79 mothers of newborns, a connexion was sought between infant sex, number of children, type of delivery, mode of feeding (breast or bottle), temporal value of the post-delivery separation on the one hand and maternal conceptions on visual and auditive capacities of their babies on the other. No relation was found between the answers and baby's sex, number of children or type of delivery. Breast feeding was more frequently associated to recognition of effective visual capacities of the newborns. Bottle feeding and time of post-delivery separation were relevant to recognition of auditive capacities. This last variable was related to the attribution to the newborns of a capacity to recognize their mothers by the sound of their voices. It is suggested that maternal conceptions mainly depend on clues obtained from their babies' behaviour and that, both breast feeding and a short post-delivery separation time, may have beneficial effects on the mother — infant relationship.